

**Cerimónia de entrega do Grande Prémio de Romance e Novela
APE/DGLAB**

[Vale a versão lida]

Exmo. Senhor Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian,
Exmo. Senhor Presidente da Associação Portuguesa de Escritores,
Exmos. Senhores Membros do Júri,
Exmas. Senhoras e Senhores,
Cara Hélia Correia,

Neste dia em que celebramos um livro de uma grande escritora portuguesa, não podia deixar de começar pelas palavras de Hélia Correia, sobre a sua escrita e a sua criatividade, tão impossível de conter nos géneros literários, como necessária nestes tempos que vivemos.

É uma honra e um prazer poder participar nesta cerimónia que consagra uma obra notável e todas as palavras que ela contém.

Falo de palavras, porque se há algo que esta obra hoje premiada permanentemente me recorda são as palavras de Hélia Correia, em 2014, no seu ensaio apropriadamente intitulado “Com Respeito às Palavras”. Palavras de coragem e de denúncia, de repúdio pela instrumentalização do vocabulário. Palavras que pediam respeito pela língua e pela sua expressão. Palavras que se construía, então, contra a banalização do léxico pelo discurso político desses anos.

Todas as línguas o são, mas muito especialmente a nossa, construídas em viagem. Mesmo a história da humanidade é uma história de caminhantes, em permanente travessia, tantas vezes nas terríveis condições que as personagens deste livro enfrentam, ao atravessarem um deserto que nos parece surgir fora de um tempo e de um espaço reconhecíveis, mas que representa todos os tempos e espaços.

É esse *lugar nenhum* em concreto que, no milagre da ficção, se torna um mundo afinal tão próximo e reconhecível, algo só possível nessa escrita tão fora de época e, ao mesmo tempo, tão atual como a de Hélia Correia, uma espécie de arcaico escrito hoje de manhã, que dá uma dimensão intemporal às suas narrativas.

Este “poema em prosa sobre o que anda a acontecer”, como a própria autora o descreveu, é uma reflexão profunda, eloquente e incisiva sobre o tema das migrações, mas é também uma meditação sobre a Europa e sobre possibilidade de continuarmos a responder afirmativamente ao sonho de quem, em viagem, procura um lugar melhor.

As palavras, as línguas, as culturas construíram-se, sempre, em viagem. E os corpos podem ter-se tornado sedentários, mas os pensamentos, os sonhos serão permanentemente nómadas. Só assim se faz Cultura.

Os meus parabéns ao júri pela forma como soube reconhecer as qualidades desta obra tão singular, num conjunto notável de finalistas em que a escrita no feminino se destacou significativamente.

Um Bailarino na Batalha junta-se, assim, a uma já longa lista emérita da literatura portuguesa contemporânea, onde figuram obras e escritores que tanto têm engrandecido o património

literário português, dentro e fora. É também esta a função de um prémio literário, que é parte reconhecimento e registo do mérito, parte incentivo à escrita e à divulgação do nosso património escrito.

O meu profundo agradecimento à APE pela estreita colaboração com o Ministério da Cultura que tem tornado este prémio possível, que muito nos honra e que mantém vivo este notável projeto de José Correia Tavares, que nos deixou em 2018, mas cujo legado se projetará, sem dúvida, no futuro desta distinção e da escrita em Portugal.

Como um livro, que é, de uma certa forma, uma obra coletiva, só possível com o trabalho de escritores, editores e livreiros, também a Cultura se faz num trabalho conjunto. A APE tem tido um papel fundamental na defesa dos interesses dos escritores que representa, bem como o seu papel na divulgação da criação literária em português, muito especialmente através dos diversos prémios literários que promove, como é o caso do Grande Prémio de Romance e Novela.

O livro é um esforço conjunto, só possível porque há quem o escreve, quem o compõe, quem o vende e, principalmente, quem o lê. Queria, por isso, terminar esta intervenção deixando bem claro que para o Governo e, em especial, para a área da Cultura, as políticas públicas na área do livro, da leitura e da tradução têm uma centralidade inquestionável.

Ao longo deste mandato implementámos e continuamos a implementar medidas de relevo nas políticas de leitura e de promoção da criatividade através da escrita, em diálogo com os autores, com as associações que os representam, com os editores, com os livreiros e com os leitores. Anima-nos, em tudo isto, o potencial transformador da leitura e da escrita, mas anima-nos também o podermos homenagear e reconhecer obras como as de Hélia Correia.

Obrigada,

Graça Fonseca,

22 de julho de 2019